

ANUARIO

DO

Liceu Nacional de Aveiro



ANO LECTIVO DE 1910 - 1911



AVEIRO

Tip. MINERVA CENTRAL de José B. da Cruz

—
1912

ANUARIO

DO

Liceu Nacional de Aveiro



ANO LECTIVO DE 1910 - 1911



AVEIRO

Tip. MINERVA CENTRAL de José B. da Cruz

—
1912

ANUARIO

Liceu Nacional de Aveiro

ANO LECTIVO DE 1910-1911

1911

AVERO

VII

I

RELATORIO

RELATORIO

Tendo sido provisoriamente abolidos, pelo decreto de 17 de outubro de 1910, os logares de reitores em todos os liceus, fui eleito em 21 do mesmo mês, nos termos do mesmo decreto, para desempenhar as funções respectivas, correndo-me, portanto, a obrigação de dar cumprimento á disposição do n.º 19 do artigo 128.º do Regulamento de Instrução Secundaria em vigor.

No fiel desempenho dessa obrigação, indica a justiça que, em primeiro logar, deixe aqui consignado o desgosto que nos causou a retirada do antigo reitor o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla que, durante 15 anos, consagrou com proveito digno de menção, a sua culta intelligencia e notavel energia ao progresso da instrução e especialmente ao desenvolvimento do estabelecimento que habilmente dirigiu.

A' sua tenacidade se deve, em grande parte, a renovação que o edificio do liceu acaba de sofrer, collocando-o em condições de satisfazer, senão de uma forma perfeita pelo menos aceitavel, ás necessidades do ensino.

Muito teria que expôr para comprovar a sua influencia benefica, mas dois factos bastarão para salientar de um modo frisante, a sua dedicação pelo instituto de que foi digno chefe.

Sendo em 1908 presidente da direcção da Caixa Economica de Aveiro, esse prosperissimo estabelecimento de credito, quasi unico no seu genero em Portugal, que tantos serviços presta e que ao seu desinteressado esforço deve tambem grande parte da sua prosperidade, creou, por iniciativa sua, o premio an-

nual de 30\$000 réis, denominado *Governador Civil, Nicolau Anastacio Bettencourt*, para o aluno interno da 5.^a classe deste liceu que concluísse o curso geral com maior distinção; premio este que já foi conferido a dois alunos.

Na sua gerencia foi tambem creada a Caixa Escolar José Estevam Coelho de Magalhães que alguns serviços tem prestado já, e que, sendo uma instituição prestante e digna de simpatia, maiores serviços prestará, logo que, reconhecendo-se o alcance que realmente tem, se alargue a sua esfêra de acção que no presente é, infelizmente, muito restrita.

Durante o largo lapso de quinze anos foi, aqui, um exemplo constante de amôr do trabalho, pontualidade e ordem, um escrupuloso regulador de todos os interesses, um fiel mantenedor da disciplina, um infatigavel propugnador do engrandecimento liceal.

* * *

Passando agora a referir a maneira como, durante o ano lectivo de 1910 a 1911, se deu cumprimento á lei organica liceal, nada tenho a acrescentar ao que tem sido exposto nos relatorios dos anos anteriores, porque as circunstancias, em que os diversos serviços se realisaram, fôram precisamente as mesmas, não havendo modificação alguma que determinasse alteração sensivel na maneira de ser geral.

Dentro das normas regulamentares, que é timbre do pessoal docente deste liceu observar escrupulosamente, como nos seus relatorios tantas vezes frisou o antigo reitor, todos se esforçaram por dar ao ensino a orientação mais em harmonia com os fins que o ensino medio tem em vista, executando os programas na medida dessa orientação, não descurando a disciplina, factor de alta potencia em organismos desta complexidade, e promovendo, em todos os ensejos e por todos os meios educativos, o robustecimento intellectual e volitivo que tanto contribuem para a formação do character.

A' educação fisica foi tambem dispensada a atenção compativel com as excepçõaes circunstancias em que, durante todo o ano, se encontrou o liceo, sem local proprio para se executarem os exercicios de gymnastica.

Foi, é certo, adquirido ha quasi dois anos, um terreno adjacente ao edificio para a construção do gymnasio, mas, apesar do projecto estar, ha muito, aprovado, e garantida a sua execução por um emprestimo especial, para esse fim contraído, ainda não foi possivel conseguir que a verba necessaria fosse autorizada, o que está prejudicando altamente os alunos, visto que a primetra condição de uma educação sólida reside no desenvolvimento metodico do corpo.

Não havendo sala alguma disponivel, porque o antigo salão de gymnastica foi, pelo novo plano, dividido em tres compartimentos, executáram-se os exercicios, quando o tempo o permitiu, no terreno adquirido a que acabo de me referir, o qual se encontrava tambem em péssimas condições para tal fim, cheio de ervas e pedras, cortado por uma vala e dividido em planos de desigual elevação!

Fazendo a educação fisica parte do curso liceal e sendo real a sua importancia, é de urgente necessidade que tam anormal situação termine, sendo construido o gymnasio, para que os alunos colham dela o proveito que realmente dá.

E da educação estetica que direi?

Que é absolutamente necessario que, na organização em projecto, lhe seja dada a consideração que merece pela sua alta importancia educativa, legislando-se por fórma que nos liceus nacionaes não fique apenas representada pelo estudo do desenho.

* * *

Pelos mapas, que acompanham este relatorio, se vê o resultado obtido pelos alunos nos seus trabalhos escolares, e se aprecia o movimento liceal, que é dos maiores em liceus desta categoria, e que maior seria,

se, tendo-se em consideração a densidade da população e o seu amor á instrução, fossem creados os cursos complementares.

E, visto que me refiro aqui ao movimento liceal, não posso deixar de consignar a insuficiencia do pessoal menor, já apontada em outros relatorios. E' todo o serviço feito apenas por um continuo e um porteiro que tem quasi 78 anos de idade e 41 de serviço exemplar, mas que está cançado, sendo de toda a justiça que lhe seja concedido, pela aposentação, o descanso a que os seus longos anos de bom serviço lhe dam incontestavel direito.

Acorrenta-o a necessidade, pois nenhuns outros meios de subsistencia possue, a este trabalho já demasiado para a sua fraqueza, e, se adoecer, é absolutamente impossivel ao continuo satisfazer as obrigações dos dois cargos, porque a população liceal é grande, e o liceu tem dois espaçosos pavimentos.

E', portanto, uma inadiavel necessidade a criação de um lugar de guarda que tenha ao seu cuidado a biblioteca e o gabinete de fisica e auxilie o secretario, substituindo os outros empregados, quando se torne necessario.

E, já que falei no secretario, não será ocioso que repita o que tantas vezes tem sido dito—e é que o expediente de secretaria aumentou extraordinariamente com a ultima organização, sendo excessivamente difficil ao professor-secretario trazer o serviço em dia, sem sacrificar-lhe todo o tempo disponivel das aulas, incluindo, em algumas ocasiões, grande parte da noite. E' caso por mim presenciado e em que não há o mais leve exagero.

E o que é mais singular é que, tendo aumentado o trabalho, diminuiram os emolumentos talvez mais de 50 %.

A pequena despêsa, que se faz com a criação de um novo lugar de guarda, é largamente compensada pelos beneficios que produz no gabinete de fisica, onde os aparelhos se deterioram por falta de limpêsa oportuna e consciente; na biblioteca, onde a traça se propaga assustadoramente, como já tive ensejo de ex-

pôr, ameaçando inutilisar perto de 6:000 volumes; e na secretaria, onde é uma flagrante injustiça obrigar a tam violento trabalho com tam exigua gratificação.

E quanto lucraria tambem a disciplina que, até hoje, quasi só se tem mantido por um extenuante e aturado esforço de todos nós?

* * *

Não foram, neste ano, esquecidas as instruções da circular de 25 de outubro de 1906, relativas ás excursões escolares, pois, além da visita ás fabricas lo-caes, realisou-se, com os alunos da 4.^a e 5.^a classes e cinco professores, uma demorada, interessante e instrutiva excursão á Figueira da Foz, Leiria, Batalha e Marinha Grande na qual, durante quatro dias, a atenção dos excursionistas foi constantemente solicitada para assuntos de uma grande importancia, variedade e beleza, para a observação de alguns dos quaes haviam sido previamente preparados, e que lhe deixaram no espirito uma perduravel e instrutiva impressão.

Para melhor se avaliar a sua importancia; para se fazer uma ideia segura de quanto deve ter contribuido para o desenvolvimento intelectual e estetico dos alunos, transladamos para aqui a fiel, graciosa e sugestiva descrição que da mesma fez um distinto professor, que nela tomou parte importante, e que, ao tempo era redactor do jornal a *Vitalidade* em que foi publicada:

Como por mais duma vez temos referido, o sr. dr. Alvaro de Moura, digno reitor e professor do liceu, de acordo com os demais professores, planeou, em tempo competente, uma excursão escolar dos alunos da 4.^a e 5.^a classes não só como objecto de estudo e satisfação ás indicações regulamentares, mas para dar aos academicos, com novos pontos de observação, outras localidades, outros costumes, monumentos, paisagem, arte, industria, etc., o gozo legitimo, o banho de luz, de civilização, que, em taes termos, as excursões proporcionam.

Depois de se pensar sobre o caso e de discutir os termos em que se podia realizar o proposito, assentou-se em ir além da ex-

curso vulgar de Lineu, simples passeio de marche-marche, á pressa, de ida e volta, no mesmo dia, com farnel, ou sem êle,—realizando uma excursão á Figueira da Foz, seguindo de lá a Leiria e á Batalha, e ainda á Marinha Grande.

Leiria, onde os professores do liceu e a nossa familia academica encontrariam, num estabelecimento conjénere, os seus irmãos «de raça e de crença», seria o objectivo principal da marcha, o centro de operações e movimento; a Figueira da Foz, uma diversão no caminho, antes de abicar ao porto; a Batalha, pelo grandioso monumento que a vida nacional ali assinala, como um dos mais gloriosos padrões da arte, do sentimento, da vida,—o luzeiro brilhante, o sol esplendoroso dos novos «cruzados»; e a Marinha Grande, além das emoções tradicionaes que a grande mata evoca,—o laboratorio famoso e fecundo onde a industria moderna apresenta uma das mais belas manifestações da actividade, do trabalho do paiz.

Nas aulas, varias vezes se tinha deparado ensejo de falar da linda situação da Figueira nova, defronte do Oceano; da enseada de Buarcos; do Cabo Mondego; dos campos que se atravessam e dos seus productos agricolas; bem como do interessante muzeu municipal, onde a iniciativa e acurada devoção dum patriota insigne, o dr. Santos Rocha, com outros dedicados cooperadores, concentrou enorme atenção e cuidados.

Quem estas linhas escreve, tendo estado ali já por outras vezes, admira essa valiosa instalação de monumentos ante-historicos e historicos, não esquecendo mais, que, além de tantos outros objectos de valor, precioso para o estudo de epochas remotas, tambem lá vira uma colecção de azulejos arabes e mouriscos, e outros artigos, oferecidos ao muzeu, com uma memoria descritiva, por Monsenhor Botto, antigo vice-reitor e professor do seminario episcopal do Algarve, arqueologo eminente e até, por especial consideração dos seus extraordinarios serviços, vice-presidente da sociedade dos arquitetos e arqueologos portuguezes, autor dum famoso estudo sobre a epoca e traça dos celebres côches da caza real, e sempre de saudosa memoria, apesar de ser um simples padre de *requiem* com o curso do seminario de Santarem.

Havia, portanto, motivo bastante, para incluir a Figueira no itinerario da excursão.

Em Leiria, deparava-se-nos, como já fica indicado, ensejo propicio não só para evocações historicas dos antigos tempos da monarchia, como tambem dos mais modernos, e ainda especial motivo, para, em contacto com a população laboriosa e por tantos titulos illustre, acendrar a fraternidade academica, que afinal é apenas um ramo da fraternidade universal, da fraternidade humana, sem fronteiras, sem limites, suprema aspiração do progresso e dos espiritos verdadeiramente livres.

Não tinha faltado occasião, nas aulas, de ferir essas notas afinadas «do imenso piano do universo cujo maestro é Deus», na ex-

pressão pitoresca dum illustre lente da universidade de Coimbra que já recolheu da Cátedra ao Pio; e de igualmente fazer vibrar as cordas da alma (a quem a tem), descrevendo a situação de Portugal depois da morte do D. Fernando das Leonores, o vulto saudoso do mestre de Aviz, a figura de Nun'alvares, epica e mística, a Ala dos Namorados, a batalha que deu nome ás nossas hostes, e foi depois o motivo do famoso monumento que os seculos tem admirado e as novas gerações vam admirando sempre.

Na aula de ciencias naturaes, estudando as transformações da materia, a materia prima das industrias modernas, muitas vezes viera a proposito falar da composição do vidro, do barro refractario, dos potes em que se faz a fuzão, dos fornos a tanque, da vidraça soprada, do cristal, da lapidação, da pintura, gravura, calcomania, etc.; de tantos outros problemas que se relacionam com o trabalho moderno, pelo qual se vae fazendo a socialisação do capital e da propriedade.

Na de desenho, o snr. tenente Simões aproveitava tambem todos os ensejos para ficar a atenção dos alunos nos caracteres das ordens arquitetonicas, e nas maravilhas com que o sentimento, o misticismo, a fantasia enfloraram a ogiva, a altura triunfando da largura, o arrojio das linhas e arcos de pedra arremessados para o alto espaço.

Em summa, esboçado o plano da excursão, definidas as suas bases, os pontos do itinerario acharam plena justificação.

Depois tratou-se da parte economica e financeira; e juntando ao subsidio do liceu, e da caixa escolar, a esportula de cada um dos excursionistas, bem calculada, com outros elementos mais ou menos eventuaes, viu-se que era possivel realizar o projecto, sem perigo de falencia, dentro das forças do orçamento; e nesse capitulo, póde dizer-se sem lisonja que a alma da excursão foi o snr. tenente Simões, digno professor de Desenho, o nosso ministro da fazenda, sendo ao mesmo tempo valioso elemento de organisação, e auxiliar do snr. dr. Alvaro de Moura.

E os rapazes ?...

Ora! Esses querem tudo, estão por tudo, prometem tudo, tratando-se de lhes proporcionar uma viajata desta ordem. Estudam, de antemão, por atacado; todos os professores tem documentos disso; em comedimento e educação, nas ocasiões, são uns catitas; juram e batem fé que não cometem uma imprudencia, uma leviandade; e embora a paisagem os distraia, os costumes e as diversões os solicitem... será sempre o amor da sciencia, o amor da arte, a educação liberal, fisica, intellectual e moral, o que os preoccupa e domina em taes conjunturas.

Pois que duvida! A quem eles o dizem, é justamente a quem bem o sabe por experiencia propria.

Foi, pois, precisamente com este intuito, com lexo, e assás louvavel, que se constituiu um grupo dramatico ou comico, dan-

do-se nova vida ao grupo orfeonico, organizado pelo dr. Henrique Pinto, e que tomou á sua conta, com notavel dedicação e destreza, o sr. Eduardo Pinto de Miranda, habilissimo violinista e muito apreciado cultor da divina arte muzical.

Os rapazes são briosos, tem já, em verdes anos, um grande sentimento da propria dignidade. De fórma que não queriam apresentar-se em terras estranhas só como observadores, exhibindo só a pessoa; quizeram exhibir tambem algumas das suas prendas.

• * •

Com taes elementos, pois, alunos e professores, sempre debaixo do jugo das aulas, marcado o dia da partida para a quinta-feira da semana passada, ás 8,37 da manhã, era uma chilreada na estação, de capas e batinas, cabelos ao vento, riso nos labios, que tudo o mais passava a segundo plano, e assim nos abalámos.

Pela via ferrea abaixo, sempre que o trem parava, ás janelas dos carros surdiam cabeças, narizes, olhos, braços desenvoltos, chovendo os ditos, as perguntas disparatadas aos empregados, aos passageiros, aos circumstantes. Passaros de gaiola, postos em liberdade, têm outras vozes, outro canto, outros movimentos.

Emfim, seguiu a viagem debaixo de ordem, Mealhada, Pampilhosa, Coimbra, estação B... Ahi esperavam os excursionistas os seus antigos colegas de Aveiro que frequentam agora a universidade e o liceu da Lusa Atenas, e que nos acompanharam até á Figueira, trocando-se, no momento, os abraços e saudações amigas de uso entre rapazes estudiosos, com José Vieira Gamelas, Ferreira das Neves, Moraes Zamith, Marques da Silva, Marques Gomes, Anibal Teles, Dias Leite, Cazimiro d'Almeida, etc.

A maquina atravessava entre folhedos e ramajens, campinas núas de sementeira recente, entresachadas, donde a onde, de outras já afrutadas e brilhantes, olivae e vinhedos, a rica paisagem da região, onde o sol vivo da primaveia acende esperanças vivas de abundancia e de riqueza.

A rapaziada conversa, canta, fassobia; e, de quando em quando, um ou outro, estimulado da beleza do campo ou do vale, pede a atenção dos companheiros, interrompendo a vozeria. Mas eis que o trem afrouxa o andamento: é o Mondego que volta ao Oceano, de medroso... e estamos na

Figueira da Foz

Entre balburdias e curiosidades, apeiam-se todos. Por especial obsequio do chefe da estação, as bagagens todas ficam depositadas num compartimento da gare; e, todos lesto, e desembaraçados, capas ao hombro, cabeça descoberta, cabelos flutuando, ahi vae o grande grupo ao longo do rio, olhando a grande ponte que liga a cidade com a povoação fronteira, descobrindo ou adivinhando além

o mar, *tulassa*, *talassa*, farfalhando e lambendo de espuma as areias da praia.

Mas uma voz grita alto, e a custo ouvida ou comunicada, a caravana pára. E' o edificio dos Paços do Concelho da localidade.

Depois de breve rumor, todos se agrupam e penetram no peristilo, que é amplo, desafogado, cheio de luz, dando para a sala do tribunal, que é bela e majestosa, e para outras repartições. Sobe-se a escadaria. A entrada produz alvoroço nos circumstantes.

O sr. dr. Alvaro de Moura tinha oficiado préviamente á camara, participando a nossa visita e solicitando licença para visitar o edificio; o sr. presidente não pôde comparecer, mas logo nos surge o sr. secretario do municipio, que nos recebe afavelmente e nos serve de cicerone.

Entrámos na sala das sessões da camara. Bela, elegante no seu mobiliario, e nos seus detalhes de ornamentação. Apanhando as ligações do estuque, o tétó, de côr azulada e amarela, chama especial atenção. Parece pintura exquisita; mas não, é um tapete antigo, da fabrica de Tavira, que só produziu cinco no genero, dando, depois, a alma ao criador. E', portanto, uma peça de valor, justamente honrada.

Vemos em seguida as instalações do museu. Os rapazes furam em todas as direcções, sob advertencias diversas, e indicações adaptadas a cada collecção. Lapidés tumulares, tumulos e esqueletos preromanos, ossadas dispersas, azulejos arabes e mouriscos, monumentos varios da idade da pedra, artigos de fainça, descobertos em escavações, vasos, potes, etc., despedaçados, reconstituídos com uma paciencia relijiosa, heroica, trajes rejionaes, moedas nacionaes de todos os reinados, e muitas outras,—de tudo os rapazes recebem a impressão e o banho de luz que nos causam sempre objectos ainda não vistos, de que se ouvira falar e que de repente se nos apresentam face a face.

Cruzam-se as perguntas, ferve a curiosidade, e com toda a paciencia, verdadeira resignação de martir, o sr. secretario da camara a todos atende, para todos tem palavras agradaveis.

Neste pavimento ficam tambem as repartições concelhias, da camara, da administração, da policia, registo civil, e a sala da biblioteca.

O edificio, além doutras janelas, rasgadas para a avenida, lado norte, e para o Mondego, tem para éste, larga varanda, donde se disfruta vasto panorama de rio e terra.

Mas se os excursionistas se podiam esquecer aí a admirar a natureza, e a sonhar talvez com as filhas do Mondego, quem obsequiosamente os acompanha tem tambem obrigações. E' preciso reconhece-lo e não abusar de tanta bondade.

Seguem-se as despedidas e os agradecimentos ao sr. secretario, em nome de todos, e deles aqui lhe damos mais uma vez afectuoso testemunho.

A caravana derrama-se pela cidade, praças, jardins, cazinos, esplanada do castelo, embocadura do rio, o mar batendo as areias e as penedias de defeza, talassa, talassa, em franjas de espuma em que tantas vezes tem envolvido, amoroso e languido, as nossas nereides e as suas irmãs hespanholas.

A visita á Figueira devia ser coroada por um passeio a Buarcos, mas este malogrou-se, por falta de combustivel, perdão, porque faltaram os muares de tracção para os carros americanos. Dessa falta, porém, desforram-se todos, atacando com denodo e valentia os farneis, reforçados na praça com morangos carnudos, succulentos, rubicundos e aromaticos, laranjas, nesperas e cerejas que foram á gloria, e de frente ao mar tiveram hinos de gloria rivaes doutros não menos distintos.

Entretanto, aproximam-se as horas do comboio. Mais um adeus á Figueira, e o proposito *in voto*, de lá voltar mais vezes, talvez na epoca balnear, quando a sua bela praia, os seus casinos, os seus cafés e bilhares se animam doutra vida mais desenvolta.

Não esquecer que visitámos tambem o grande armazem de vinhos do falecido Simões, hoje do sr. Conde de Monsaraz. Diante daquelas cuvas enormes, constituindo por assim dizer... um 2.º tomo dos grandes lagos equatoriaes, os rapazes tiveram expressões de admiração correspondente, e alguns até rajadas de espirito proprio ou induzido.

Da Figueira a Leiria

São 5 horas da tarde. Recolhe a caravana aos vagon e ahi vae o comboio em marcha. Uma ultima vista á Figueira, desaparece a embocadura da barra, seguimos a fita liza do Mondego, e eis que nos internamos em campos e prados, atravez dos vinhedos extensos e mimosos, além eminencias coroadas de oliveiras ou pinheiraes, e sempre a verdura abrindo alas á direita e á esquerda, numa profusão e variedade de tons verdadeiramente admiravel e cativante.

Os rapazes animam-se. As duas carruagens em que viajamos, abertas em todos os compartimentos, permitem a confraternisação... universal. Cantam, falam, gesticulam.

E' a vida a flux dessa idade abençoada em que as preocupações nunca dominam o espirito, ou só de passagem lhe imprimem o seu vinco grave e duro.

Passam os apeadeiros e as estações entre alegrias e folguedos. Quando o comboio pára, ás janelas afluam como que cachos de grandes bagos, rozados, francos e joviaes, esfuziam os ditos, as perguntas disparatadas, e entre exclamações indiscretas o trem segue de rota batida.

Atravessámos uma larga mancha de pinhal cerrado, onde se vêem, de passagem, largos córtes, montões de tóros, pilhas de taboas novas, a exportação duma das maiores riquezas do sólo abençoado de Portugal, carateristico, muito especial e precioso nesta

região. E' a grande mata do Estado; é o grande pinhal de Leiria, cuja origem se perde nos tempos de D. Diniz e que, vindo aos solavancos até nossos dias, ainda hoje tem importancia correspondente á sua fama e denominação secular.

O pinheiro manso fórma a cada passo os seus tufos, com a sua copa arredondada, a casca luzidia, a majestade do porte, lembrando naturalmente as pinhas e os pinhões com que as crianças e até os adultos ás vezes se entretêm.

Mas parece que o maquinista adivinha a anciedade da caravana em chegar ao quartel general.

A maquina resfólga com mais força, o trem roda com mais velocidade, soltando, de quando em quando, o apito avisador, estridente.

Surgem outros tons na vejetação. E' menos cerrada a mata. As oliveiras entrecortam o terreno, aparecem os álamos, as acacias, os freixos. Devem ser as margens do Liz, Leiria, portanto, deve estar perto, dentro em pouco entrará em scena.

Com efeito, o comboio apita, e uma voz, seguida de outras em confusão, logo grita:

— Lá está a estação! ..

— Lá estão os estudantes.

— Eh! rapazes, componham essas capas, forcem esses pulmões...

Entretanto pára o comboio, e enquanto nos apeamos, abordando as pequenas malas de mão, resoam as primeiras saudações:

— Viva a academia de Aveiro!

— Vivam os estudantes de Aveiro!

— Viva a patria!

E de cá, logo, a plenos pulmões:

— Viva a academia de Leiria!

— Vivam os estudantes de Leiria!

— Viva a fraternidade academica mundial!

Trocam-se os primeiros abraços, a alegria desenha-se viva em todas as faces.

O presidente da academia de Leiria, sr. Soares Pereira, antepondo-se aos seus colegas num breve discurso entusiastico, sauda os excursionistas, terminando por novos vivas e saudações que tem um eco vibrante e prolongado.

Corresponde com outro improviso, igualmente inflamado, o presidente da academia de Aveiro, sr. Tavares da Silva, agradecendo a amabilidade dos cumprimentos; sauda tambem os estudantes e o povo de Leiria, soltando novos vivas á rapaziada, á patria, á liberdade, á fraternidade academica de todo o universo.

Entretanto, passa-se para os carros. Da estação á cidade são uns tres quilometros, e, feito o embarque rapidamente, parte a caravana em longa fila de veiculos, seguidos por estudantes de bicicleta, repetindo-se de carro para carro os vivas e as saudações com todo o entusiasmo e animação.

A estrada é plana e macia, ao norte dominada por uma elevação, tocada de arvoredo; ao sul, ladeada por um campo agricultado, atravessado pelas águas do Liz.

Lá surge o castelo histórico da histórica cidade. Esta eminência, uma das muitas que cercam a povoação, é mais escarpada do que as outras vestidas de vinha e oliveiras.

Vence-se a curva, e entra-se na cidade. As portas e as janelas, formam-se grupos que saudam os visitantes, ou correspondem ás suas saudações.

Os carros param. Apeiam-se todos. É que ali esperava os excursionistas a grande massa da academia, com uma filarmónica e muitos populares. A filarmónica toca a Portuguesa. Nos ares estrojam os foguetes e resoam as aclamações.

Ferve a animação e entusiasmo, e toda a caravana se põe em marcha. É uma marcha triunfal. Das janelas, aqui e além, esparzem flores graciosas damas; outras saudam-nos com os lenços. Dos portões, na praça, no jardim, grupos aguardam a passagem, sorrindo ao entusiasmo, e a filarmónica não afrouxa, por um momento, sequer, nem a marcha, nem a Portuguesa.

Emfim, aportamos ao Hotel Central. As janelas estão as alunas do liceu, que se associam ao entusiasmo, esparzindo flores, e correspondendo ás saudações.

O sr. tenente Simões, da varanda da casa, faz um breve discurso inflamado.

Ha novos vivas, referve o entusiasmo, agitam-se as capas. Mas é preciso pôr diques á divagação, que o jantar está na mesa e no carrilhão do estomago toca a rebate a... vontade de comer.

Tomam-se os quartos, dá-se uma sacudidela ao corpo, e logo entre os estudantes de Leiria e os nossos, se estabelece uma cordialidade amistosa e cativante, acompanhando-nos, sempre, prestando-nos os seus officios e esclarecimentos.

O sr. dr. Alvaro de Moura convida, para se sentarem á meza, os membros da comissão da academia Leiriense. Os outros assistem á refeição nos vãos das janelas. São caras simpáticas. É gente fina, de educação. (Vejam lá se o esquecem.)

Toma também logar, ao lado do sr. reitor do liceu d'Aveiro, o sr. Ernesto Korrodi, distinto professor da Escola Industrial de Leiria, muito conhecido e considerado nesta cidade, a cujos melhoramentos por mais duma vez tem prestado o seu esclarecido apoio, e é um arquiteto eminente, conhecendo todos os segredos da arte, quasi nosso patricio em suma, pelo seu casamento com uma senhora da proxima vila de Vagos.

Se a animação no comboio e na Figueira tinha sido grande, se o entusiasmo tinha vibrado á chegada, imagine-se o que seria agora, com oitenta e tantos bicos afiados á meza...

O Hotel em presença de tantos e tam aguerridos convivas, não podia contar sómente com o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. Era preciso ter mais vitualhas. E tinha.

Começa o jantar. A sala é iluminada a alampadas electricas.

Leiria teve a sua companhia de gaz; passámos pelas ruínas da sua instalação; mas, deixando-a morrer, resurgiu com outro melhoramento mais civilizado, e além disso municipalizado, o que é mais alguma coisa, permitindo que a população se illumine quasi de graça. Quasi de graça, sim, senhor; não é fabula, nem exagero; é verdade; assim nos foi dito.

Reina a mais viva animação. A ordem dos pelotões foi alterada; mas as forças mantêm-se nos seus postos, sem ser preciso advertencias do anspressada. Apenas se repetiu esta precaução, já antes formulada:

— Eh! lá meninos, cautela com a gazolina, olhem que ela não faz cerimonia nenhuma de subir ao *gaff-top*...

— Intenderam? Os que intenderam expliquem aos que não intenderam.

Mas já se ingeriu a sopa e os dois primeiros pratos, quando na sala corre que o ex.^{mo} comandante do regimento de infantaria 7, por obsequio especial á comissão dos estudantes de Leiria determinou que a banda regimental tocasse no jardim áquela hora, e o local está iluminado a *giorno* por iniciativa da mesma comissão.

E' preciso corresponder a essas gentilezas.

Por isso, faz-se silencio entre os convivas, e o sr. dr. Alvaro de Moura levanta um brinde, á amabilidade dos estudantes de Leiria, ao povo de Leiria, aos representantes da cidade que acolhe tam galhardamente os forasteiros.

Segue-se tambem o presidente da academia leiriense, que em frase convicta e comovida, define o seu papel, tendo palavras verdadeiramente cordeaes para com os hospedes.

Seguia-se a sobremesa, o café, e naturalmente o cavaco, mas dá-se por acabada a refeição, e todos acorrem ao jardim, onde a banda regimental, com as suas harmonias, e a iluminação a *giorno* entre o arvoredado tornava o local verdadeiramente aprazivel, dando novo realce ao vulto gracioso das gentis damas de Leiria.

Passam depressa os momentos, quando bem se passam, e assim decorreu como por encanto o tempo, avançando a noite. Depois, o repouso tambem é preciso, sobretudo quando no dia seguinte urge levantar cedo para proseguir na jornada.

Sim, Leiria era o nosso quartel general. Daqui haviamos de partir no dia seguinte para a

Batalha

A' Batalha... Não se trata de um combate sangrento. Trata-se duma visita ao monumento da Batalha,—esse padrão artistico e historico, uma das mais legitimas glorias nacionaes.

Pouco depois das 8 horas de sexta-feira, paravam os carros á porta do hotel, e partiamos. Acompanha-nos o sr. Ernesto Korrodi, associando-se-nos tambem obsequiosamente o sr. Tito Benvenuto Lima de Souza Larcher, escrivão-notario, socio da Real

Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, socio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa, jornalista, patriota, repertorio vivo das memorias antigas e modernas de Leiria, pronto sempre a todas as iniciativas uteis e generosas.

Do hotel ao extremo sul da cidade, para onde parece que esta mais tende a expandir-se, e onde dá na vista o novo edificio dos Paços do Concelho, projecto e obra do architecto Korrodi, e a igreja e internato dos franciscanos, traçado do architecto Bigalhia, é curta distancia; avista-se dali toda a povoação lá no fundo, fazendo-lhe sentinela, além do Castelo, um grupo de outeiros, qual mais pitoresco. Para a Batalha, desce, depois, a estrada, em leve declive, atravessando o Lena, para novamente subir, atravez de vinhedos e olivaeas, divergindo em vales e encostas de variada beleza e encanto, até chegar a Azoia. O horizonte é curto, mas a vista compraz-se nos tons da paisagem; o espirito e a imaginação refrescam-se nas prodigalidades da natureza, como para depois ser mais suave e profunda a impressão ante a maravilha da arte que é o monumento.

Com efeito, é só muito de perto que se descobre o coruchéu mais elevado e depois outros detalhes da ornamentação superior do edificio; que no seu conjunto, e ainda assim mal, num só amplexo, só se vê muito proximo a ele.

Apeámo-nos ao lado direito do portico principal, e naturalmente corremos á escadaria que leva á entrada do monumento, mas a atenção, a vista, a alma abisma-se nesse portico extraordinario, nas figuras simbolicas da sua ornamentação, e nos detalhes superiores e lateraes, tam dôces no seu conjunto, tam vividos, tam sentimentacs em todas as suas linhas.

Entramos... Quem estas linhas escreve já por duas outras vezes ali entrára, e mal sabe dizer as suas impressões ante o recolhimento dessas navets erguidas ao ceu, como as mãos encurvadas dum velho, quando faz oração. Mal sabe dizer essas impressões; mas elas são sempre da mais pura e profunda emoção da alma, do que a vida tem de mais dôce e gracioso, de mais poetico e adoravel.

Mas já os excursionistas penetraram na capela do fundador, e rodeiam os tumulos do grande rei e de sua augusta e virtuosa esposa, e dos infantes.

O sr. Korrodi toma a palavra, e, pondo os seus conhecimentos de architecto eminente ao serviço da sua alma de patriota, enceta o seu obsequioso papel de cicerone, falando da traça do edificio e do sentimento que naturalmente inspira ao vizitante; e o sr. Larcher refere-se tambem ao facto historico ali comemorado. O monumento, porém, absorve todos os animos. Parece que se está ali melhor, recolhido, meditando, do que ouvindo falar. Naturalmente fala-se baixo, como afinal é proprio falar dentro dum santuario, quando se tem a noção do logar e da ideia nele consagrada.

Que diremos? Vamos seguindo sempre os esclarecimentos dos nossos illustres e obsequiosos guias, indo até á capela-mór, ao altar mór, á sacristia do lado da Epistola, olhando os feixes dos pilares,

as arcarias, os vitraes antigos, os enxertos da restauração, seguindo depois para os anexos do lado do Evangelho, e chegando ao claustro e á casa do capitulo.

Tinha-se resolvido que o grupo orfeonico cantasse um dos seus numeros dentro da nave central; mas a ideia resurgiu de improviso na casa do capitulo; depois de admirada a celebre abobada e o busto minuscuro de Afonso Domingues; e efectivamente, escalonados os rapazes, sob a direcção do sr. Eduardo Miranda, resoou, pela primeira vez, naquelas arcarias memorandas, padrão illustre da arte architectonica, um trecho da arte musical dos mais acomodados ao local.

E com que beleza, com que majestade! Se o som ondulava em graciosos meandros, beijando a pedra, descia tambem até ás profundezas da alma emocionada.

O grande claustro foi ainda objecto de longa visita, assim como o portico famoso das capelas imperfeitas; e todas as mais dependencias do monumento. Mas o que é uma visita de algumas horas, para vêr bem, para aprofundar tam grande obra? Só renovando a memoria da visita e prestando-lhe a cada momento o devido culto.

Fôra determinado que se servisse ali o almoço do dia, e serviu-se num dos corredores do claustro; mas, francamente, não apetece falar dessa occorrença vulgar: só para dizer que os srs. Korrodi, Larcher e Alvaro de Moura, interpretando o sentimento de todos, prestaram nova homenagem áquella pagina famosa da vida nacional, em breves e conceituosas expressões.

No regresso

O regresso fez-se pela mesma estrada, sem novidade de maior. Apenas esteve eminente um conflito entre os cocheiros, que lá teem tambem os seus codigos de precedencias, e, quando um as transgride em menoscabo dos outros, rebentam conflitos entre eles que pôdem affectar os passageiros. Foi o que esteve para succeder, mas a que pozeram logo termo, com toda a energia e eficacia, os srs. dr. Alvaro de Moura e tenente Oliveira Simões, não passando, por isso, o caso de . . . tempestade abortada a tempo.

Nos Paços do Concelho

Chegando á cidade, seguiu-se a visita ao edificio dos Paços do Concelho, onde está instalada a camara, o tribunal, os cartorios, a administração, a policia e a escola distrital.

O edificio, como já se disse, é uma construção moderna, do plano do sr. Korrodi, e parece muito bem adaptado aos fins a que o destinaram.

A sala do tribunal, especialmente, apresenta uma disposição enjenhosa e elegante.

Percorrendo a casa, fômos recebidos na camara pelos vereaa-

dores, srs. Alipio Mesquita, Fernandes, e Vieira Repolho; e na escola distrital pelo corpo docente, tendo á frente o seu digno e ilustrado diretor, sr. dr. Luiz José de Oliveira, distinto advogado e cavalheiro a todos os titulos simpatico.

Os cumprimentos foram feitos pelo sr. dr. Alvaro de Moura, respondendo, respectivamente, os srs. Mesquita, Campos e dr. Oliveira. Na escola distrital, falou tambem, com grande entusiasmo, o presidente da academia aveirense, Tavares da Silva, sendo as suas saudações vibrantemenee correspondidas.

A' entrada e á saida, por entre aclamações, as alunas das escolas esparziram os estudantes de flôres.

Na Escola Industrial

A poucos passos dos Paços do Concelho, está instalada a escola industrial. Foi ali o primeiro laboratorio do sr. Korrodi em Portugal. Dali o seu nome irradiou para todo o paiz, dali a sua inteliçencia e o seu trabalho se tem comunicado, vivas e fecundas á vida nacional, dando-lhe manifesto impulso.

A casa onde está instalada a escola é modesta, acanhada talvez; mas essa circumstancia não obsta a que o ensino se faça em termos, nem a que os alunos e alunas aproveitem com ele, como tem realmente aproveitado.

Se na Batalha, e nos Paços do Concelho, o sr. Korrodi podia falar ex-catedra, aqui melhor lhe quadrava esse papel; e o illustre professor assim o expressou num breve e caloroso improvisado, em resposta aos cumprimentos dos excursionistas.

Percorridas as aulas, e apreciados os trabalhos dos alunos, os visitantes receberam ainda novas manifestações de carinho, a que, como a tantas outras, serão sempre gratos, seguindo para o

Governo Civil

O edificio está perto do Castelo, dominando, como ele, a cidade. Recebidos pelos srs. Eduardo Martins da Cruz, governador civil substituto, e Pompeu Garrido, secretario geral, trocaram-se os cumprimentos do estilo, em palavras affectuosas e penhorantes de que teremos sempre grata memoria.

E era preciso andar; que a tarde ia já adeantada, restando-nos ainda outras visitas determinadas para o dia. A passo estugado, pois, dirijimo-nos ao

Liceu

O edificio do liceu é novo, e construção apropriada ao fim. De apparencia elegante, embora singela, está eminente a uma parte da cidade, dando-lhe acesso uma larga escadaria. Ahi nos aguardava a academia leiriense, na sua totalidade, e faz-se ideia do entusiasmo, das aclamações com que ela receberia, ali, os seus colegas de Aveiro. Mais uma vez, com todo o calor dos seus anos

juvenis, mais uma vez com todo o fogo da sua alma apaixonada. Assim foi, com efeito, caindo no atrio, sobre os excursionistas, das mãos finas das alunas, profusa chuva de flôres.

E logo nos appareceu o sr. dr. Adolfo Leitão, digno professor e reitor do liceu, com o corpo docente, dando-nos as boas vindas, nos termos mais affectuosos e cativantes. Corresponde o sr. dr. Alvaro de Moura. Fala tambem o presidente da academia leiriense. Trocam-se novas saudações, e seguimos a visitar o edificio, detendo-nos, principalmente, na sala de desenho, no gabinete de fisica e na aula de geografia, observando o seu material, moderno e interessante.

A' saída, entre cumprimentos affectuosos, os estudantes de Leiria honram os excursionistas com novas saudações.

Dali vamos ao

Qurtel do Infanteria 7

Era, como tantos outros alojamentos militares, um velho convento. Mal se adapta ao fim, mas está cuidadosamente tratado, caiado de fresco, respirando asseio, ordem e cuidado em todos os cantos.

Com especial deferencia nos recebe o snr. coronel Xavier de Bastos, com a sua illustre officialidade, levando a sua atenção ao extremo de nos acompanhar na visita a todos os compartimentos, descendo ás mais minuciosas informações.

Se em toda a parte tivemos acolhimento favoravel e cativante, nesta ultima étape da visita á cidade, mais cativante foi ainda.

Seja-nos, pois, licito consignar aqui o vivo testemunho dos nossos agradecimentos, a todos em jeral, e em especial ao venerando comandante militar e aos seus dignos officiaes, que, além de tudo, ainda no dia seguinte se dignou vir, com a mesma comitiva, ao nosso bota-fóra, junto do hotel.

* . *

O dia terminou por a partida de *foot-ball*, entre dois *teams* das duas academias, ficando de empate, não se podendo repetir por motivo da estreiteza do tempo e de urgir a hora do jantar e as necessidades da refeição; mas o grupo de Leiria mostrou aos nossos que era capaz de se bater e de os levar de vencida, quando ao de cá não toque sair vencedor...

* . *

Seguiu-se o jantar que decorreu animado, como sempre, fazendo os rapazes honra a todos os pratos. Pois se lhes parece! O almoço na Batalha tinha sido frugal, o que podia ser, e aonde iria ele, se bem corresse, passadas 7 ou 8 horas!

A' sobremeza houve morangos com assucar, cerejas, laranjas

e crême... O crême, sobretudo, foi á gloria. Dizia-me a dona do hotel :

— Ora esta! fiz doze travessas de crême, mas não chega! E apresentou uma compoteira de dôce, atirando-se a ele uns quatro convivas, já se vê, com toda a delicadeza, para honra da patroa e do fruto.

Findo o jantar, por nova amabilidade do digno comandante do regimento, sr. coronel Xavier de Bastos, tocou a banda no jardim até ás 10 horas, floreando por ali a rapaziada, com seus impetos de jovens leões enamorados.

Os descantes perderam-se, depois, nas imediações, gemeu a guitarra e o violão, no bilhar as bolas saltaram fóra da tabela, e emfim Morfeu assenhoreou-se dos corpos juvenis, dormindo-se até larga manhã de sabado.

Toca então a rebate. E' preciso almoçar a tempo, e seguir para a Marinha Grande. Alguns ficam retardatarios, mas emfim está reunida toda a caravana, atacando a pescada e o goraz, os ovos e mais cousas...

Os carros esperam á porta. E' um instante emquanto se enchem. Os estudantes do liceu de Leiria ocupam dois veículos de grande lotação. Muitos seguem de bicicleta. E' uma fila de 14 carros que atrae vistas curiosas, ás portas, ás janelas, na praça, em redor do jardim, pelas ruas fóra. Grande animação, bom andamento, e os cocheiros com mão firme na redea.

Atravessamos campos e vales, a estrada aos torcicolos. Nas pequenas povoações do itinerario acode gente a vêr o desfile, surpreendida, mas de boa catadura.

Interna-se a estrada na mata. E' terreno de areia fina, branca, semeada a penisco. Lembra a Gafanha, sem os casaes brancos desta região, sem esses colonizadores de raça forte que vam devastando o pinheiro, para cultivarem o milho, o feijão, a batata.

Donde a onde já o braço do homem começa a cultura, e quem sabe o que será de futuro!

Mas eis que surge a povoação. A' tropeada dos carros, nas primeiras casas, aparecem os curiosos. Desembarcamos na praça. Das janelas visinhas, damas lançam flôres sobre os academicos, e são saudadas com entusiasmo.

Descemos... Ha cerejas, ha morangos, ha laranjas, e muitos forrajeiam, esquecidos do almoço que lhes canta ainda no papo.

Marinha Grande

A visita ás fabricas estava determinada para um pouco mais tarde; á antiga fabrica real, hoje fabrica nacional; á nova fabrica nacional de vidros e cristaes; e á fabrica de rezinagem. Aproveita-se, por isso o intervalo, para ir vêr o Engenho.

O Engenho é a séde da administração da mata, do grande pinhal de Leiria, ou, antes, da Marinha, numa area de 19 ou 20 quilometros por 12, a bagatela de 12:000 hectares.

Andamos cerca de 2 quilometros, e recebe-nos graciosamente no seu gabinete de trabalho, o sr. Carlos Etur, digno regente-silvicola, e encarregado daquelle posto.

Com toda a amabilidade mostra a planta rigorosa da mata, e explica o sistema adoptado para o desbaste e venda de madeiras ou lenhas, por conta do Estado, de modo a garantir sempre a povoação do terreno.

Fala dos inimigos do pinheiro, e mostra, engarrafados alguns parasitas.

Fala tambem do perigo dos incendios, e do processo de os atacar: pela mata além, ha torres de vigia, em madeira, e nelas fazem sentinela obrigatoria e rigorosa, guardas que, em caso de incendio, por um processo facil e rapido, dam alarme para o Engenho, partindo dali logo socorros, para o que ha recursos, em trabalhadores, maquinas e animaes de tracção.

Visitamos a alquilaria, e lá se nos depara uma partida de solipedes, lustrosos, e bem tratados, alimentados a tojo. A tojo, não é fabula; é a pura verdade. Ha 5 anos, se nos não enganamos, informa o sr. Etur, se sustentam assim os cavalos, e com optimo resultado.

O tojo é triturado numa maquina, podendo ficar mais meúdo ou mais graúdo, preferindo-o os animaes desta segunda fórmula.

Vimos tambem exemplares de favos de mel da colmeia movel, e a cêra industrial, com os alvéolos começados para abreviar o trabalho da abelha operosa, além doutras curiosidades da região.

O sr. Etur faz o elogio do illustre agronomo Bernardino Barros Gomes, que teve a seu cargo, durante muitos anos, a direcção da mata, organisando todos os serviços admiravelmente.

Como se sabe, esse distinto homem de sciencia, é o autor das cartas corograficas de Portugal, obra unica no seu genero no país, moldada em trabalhos identicos da Alemanha, e cuja edição está esgotada ha muito. Tendo a infelicidade de perder a esposa, que muito amava, transtornou-se um pouco de cabeça, mas assim mesmo ainda continuou no serviço, com toda a consciencia, durante anos, resolvendo depois tomar ordens, indo achar a morte no convento do Quelhas nos dias agitados da revolução de Outubro.

Despedimo-nos do snr. Etur, com palavras de agradecimento correspondentes á sua extrema bondade, e voltámos sobre os mesmos passos para a visita á

Antiga fabrica nacional

Aqui esperava-nos uma verdadeira surprêsa: a Banda da Fabrica, postada em frente da casa da administração executa a Portugueza, mal entramos no patio, e ao nosso encontro vem o snr. Souza, digno e illustrado administrador do estabelecimento, que

nos dá as boas vindas, pondo-se imediatamente a nosso lado, servindo de ciceroni e destacando alguns dos seus subalternos, igualmente amáveis, que logo seguem grupos diversos de estudantes, ouvindo as suas indicações e amontoando perguntas.

Entramos na casa da fusão do vidro. O forno principal está na alta temperatura, a postos os operarios, desse e doutros laboratorios adjuntos. Pelos boeiros da terrivel fornalha, vê-se a chama esbraseada, irradiando sobre os circunstantes.

Que alta temperatura!

Entre curiosos e assombrados, os estudantes observam as linguas de fogo, irradiando sempre. Pódem vêr-se todos os detalhes do trabalho: extracção da massa, soprar o vidro, formar a redoma, cortar, esfriar, estender.

A destreza com que os operarios realizam essas operações, passando, sem risco, por entre os excursionistas, é admiravel.

Além é o forno e a massa de cristal. Vemos fazer centros de mesa, pratos, garrafas, jarros de cristal, rapidamente. Vemo-os polir, lapidar, gravar; e por fim, o sr. Souza tem a extrema bondade de oferecer á academia aveirense um exemplar de cada um desses objectos, com a dedicatória respectiva, tudo feito e acabado durante a visita que durou horas.

Todas as dependencias são visitadas. Todos os esclarecimentos dados. Quando se aventura uma pergunta, a resposta é quasi sempre uma prelecção sobre a especie de trabalho em que incide.

O trabalho da lapidação é interessantissimo; a pintura e a calcomania, a foscagem, tudo se vê, tudo se explica, e se firma na memoria.

Percorridas todas as dependencias dos trabalhos, entramos na casa da administração. Ahi o sr. dr. Alvaro de Moura, em nome de todos, exprime o seu e nosso agradecimento, exalta a galhardia da recepção, e a grandeza, a maravilha do trabalho, erguendo vivas á industria e aos dignos directores, operarios e proprietarios do grande estabelecimento, sendo todos vibrantemente secundados.

Responde o sr. Souza, com palavras amigas e carinhosas, correspondendo com outros vivas ao liceu de Aveiro, ao seu reitor, professores e alunos. A banda executa a Portugueza, e o snr. Miranda pede licença para fazer ouvir o orfeon. Os rapazes do grupo tomam os seus logares, e entoam, com alma, o *Côro dos caçadores*, de Freischutz, e *A' ventura* (barcarola), de Pinto Ribeiro, sendo muito applaudidos.

Segue-se a despedida, que se faz entre vivas aclamações.

O tempo passou rapidamente, e a hora do regresso já não permite delongas para a visita á

Fabrica Nova

Lá nos dirigimos. Afavelmente nos recebe o sr. Antonio de Magalhães Junior, muito digno director e administrador da fabrica, a quem serviços urgentes não permitem acompanhar-nos na

ocasião, mas que destaca empregados competentes para que nos acompanhem.

Quem estas linhas escreve já tinha estado, ha 5 anos, nesta fabrica, tendo então ensejo de observar todas as suas instalações, a ordem com que estão distribuidas, e a perfeição e variedades dos produtos, trazendo de lá impressões que nunca mais esqueceu. Agora viu todas essas impressões confirmadas, ou antes excedidas. Além dos fornos a pote, para a fuzão das materias componentes do vidro, viu um forno a tanque, que trabalhava pela primeira vez, dando optimo resultado.

Os excursionistas poderam observar todo o trabalho do fabrico do vidro e do cristal, desde a composiçãe á fuzão, á tiragem; viram soprar, esfriar e estender a vidraça; viram a laboração do cristal, a modelagem, a pintura, a gravura, todas as operações, emfim, que neste grande centro industrial dam honra á actividade nacional, e garantem a subsistencia de numerosas familias.

A hora apertava, e por isso abreviou-se a visita, dando nós todos testemunho de verdadeira e sincera gratidão pela bizarria com que fomos acolhidos e pelas atenções dispensadas a toda a caravana.

Concluindo esta noticia, escrita muito á pressa, no intervalo doutros trabalhos instantes, queremos por ultimo consignar uma impressão particular:—é que todos os operarios se nos revelaram afaveis de maneiras e fina educação, revelando além disso, plena satisfação das suas condições, não só para com os superiores, mas para com o salario e horas de trabalho, apresentando-se bem dispostos de organização e de saude: o que é, parece-nos, digno de toda a nota, e faz o verdadeiro elogio dos dignos directores desses estabelecimentos.

Regresso

Toca a subir para os carros, e leva de corrida para Leiria,— que se segue a noite da récita e é preciso dar ainda umas ordens no teatro e um retoque ao canto e ao palco.

Os trens rodam, os rapazes cantam, ou assobiam, a paisagem desenrola-se, passam as hortas e a vinha, internamo-nos no pinhal. Rodar sempre, para baixo todos os santos ajudam; aproveita-te, diz Cristo, que além o caminho é a subir, e o gado afrouxa.

Emfim, lá se avista o Castelo, e dentro em breve estamos junto dos Paços do Concelho. Dahi ao hotel são dois passos.

Vinhamos com uma hora de atraso, á tabela; a sopa estava apurada.

— Está salgada, disse um rapaz.

— Apurada, menino, retorquiu a patroa: apurou por causa da demora.

— Exatamente, confirmei eu. Pareco que o menino não *intende nada de cosinha!*

O pequeno calou-se, intimidado ou convencido; mas eu, que

abdiquei do sal marinho, quero só os saes dos legumes, das frutas, etc., já se vê, não comi sopa. Demais a mais sopa de carne!

A carne é para as feras. Carne de rez morta, é carne de defunto, é carne de cadaver. Um vejetariano iniciado, ou catecúmeno põe de parte esses venenos, satisfazendo-se com algumas ervilhas e batatas, e um prato de salada de alface, com azeite, depois da ablução em acido citrico.

A récita

O teatro de Leiria é maior do que o nosso, de traça mais feliz, vendo-se para o palco, perfeitamente, de todas as frizas e camarotes. A plateia, desafogada, com largas coxias, permite rapida evacuação, em caso de sinistro.

Foi um *tour de force* passar a casa, num sabado, que, segundo nos disseram, é o mais improprio dia para espetaculos na cidade. Deve-se o facto a uma extrema dedicação do snr. Adolfo Leitão, dignissimo reitor do liceu, e aos esforços da academia leiriense. E' um novo favor, e dos mais cativantes, que os excursionistas tem a agradecer, e nunca esquecerão.

Todos os camarotes e frizas estavam tomados, vendo-se neles gentilissimas senhoras, de busto elegante, gracioso perfil, toilette fina, dando ao recinto um aspéto de mocidade e de festa verdadeiramente encantadora.

Sóbe o pano. Ao fundo do palco, em semi-circulo, o grupo orfeonico aparece, na solenidade e negrura do habito talar academico, arvorada a bandeira da academia, verde, côr de esperança, coroada pela esfera de prata.

O snr. dr. Alvaro de Moura, em breve discurso, agradece o acolhimento prestado aos excursionistas, e faz a apresentação dos dois grupos, pedindo benevolencia para os curiosos artistas, especialmente para os do orfeon, que estavam roucos.

Uma salva de palmas coroa as suas palavras.

O sr. Eduardo Miranda, toma o seu lugar, corre na sala um leve fremito, e escuta-se o orfeon em grande silencio. São trez numeros, que não pôdem ter execução magistral, mas não comprometem a honra do convento.

Os espectadores tomam em conta o pedido do sr. dr. Alvaro de Moura,—sam benevolos, saúdam os executantes, e das frizas e camarotes as senhoras aplaudem delicadamente.

Fala depois o presidente da academia leiriense, snr. Soares Pereira, que é um moço de bela presença e fino trato, oferecendo á academia de Aveiro um grande e formoso ramo de flôres naturais, tendo pendentes largas fitas verdes, com franja dourada, e a respectiva dedicatoria. Corresponde o sr. Tavares da Silva, presidente da academia aveirense, num breve improviso, sendo ambos ovacionados.

Seguem-se, depois, as duas comedias, *Morte á força* e o *Diabo atraz da porta*, de cuja execução a outros compete dizer, mas que decerto não comprometeu os interpretes.

Os espectadores riram e aplaudiram.

O sr. Aurelio Costa canta a *Alma de Dios*, acompanhando a orquestra, com instrumentação do snr. Alves, de belo efeito, merecendo *bis*.

Termina o espectáculo o orfeon, que, no fim, executa a *Portuguezza*, despertando entusiasmo e palmas.

E' uma hora da madrugada.

O domingo amanhece enevoadado. Os rapazes não madrugam. Estava planeada a visita ao Castelo, mas o tempo não o permite. Só alguns o acometem. O orfeon pensou em ir á Sé, que é um templo digno de vêr-se, executar um ou dois numeros do seu repertorio, á missa, mas o proposito malogrou-se.

Os generosos habitantes de Leiria; podiam dizer como disse o estudante a S. Sebastião, arrancando-lhe as sétas—basta de sofrimento!

Com efeito: o hospede aos tres dias enfada; e o domingo era o 4.º; o que tinhamos a fazer era partir... depois de almoço.

E assim foi.

Ainda aqui se manifesta a gentileza do snr. reitor do liceu que nos veio fazer as suas despedidas, em seu nome e em nome dos seus colegas; e, como já dissémos, a amabilidade do muito digno coronel-comandante do regimento, snr. Xavier de Bastos, que para o mesmo fim, se apresentou no hotel com a sua officialidade.

A' partida, a praça estava apinhada de gente, resoando, ao desfilar, grandes aclamações dos estudantes e do povo.

Rodam os carros. Ha uma dôr de alma intima e indescritivel quando deixamos sitios, pessoas e coisas, onde fômos bem acolhidos. Era o sentimento que nos envolvia e acompanhou no trajéto, até á estação, e aqui se renovou ainda, quando os estudantes trocam os ultimos abraços e nos deram o ultimo adeus entre vivas e saudações.

Sob esta impressão partimos, e ela se conservará viva até que... até quando os nossos amigos nos derem a honra da sua visita, para então, querendo Deus, se experimentarem eguaes sentimentos.

Viva o liceu de Leiria!

Viva a academia de Leiria!

Viva o povo de Leiria!

* . *

Num dos intervalos do espectáculo, foi profusamente distribuida a seguinte poezia—*A' briosa Academia de Aveiro—Saudação da Academia de Leiria—3—6—1911*, e que é produto do laureado poeta, Rafael Calado:

Ergue a fronte magestosa,
O' risonha Castelã!
Vem alegre e pressurosa
Como um sorrir da manhã!
Traz a luz por diadema,
A virtude por emblema,
Por distinctivo uma flôr,
Traz nos labios um sorriso,
Em que n'alma te diviso
Toda a luz do teu amor!

Vem! Acolhe o doce preto,
Que te rende a Mocidade!
D'esse calix do teu peito
Rasga uma flôr d'amisade!
Os encantos d'este dia
Tem p'ra nós tanta alegria,
Tão profunda gratidão:
Abre as paginas da historia
E ahí grava-os por memoria,
Como os sente o coração!

Se da musa da eloquencia
Orgulhosa te fallar,
D'essa nobre vehemencia,
Que ainda hoje não tem par,
Mostra-lhe o teu Liz de Prata,
Em que a lua se retracta
Como em limpidos crystaes,
—Esse curso tão fagueiro,
Onde um Lobo e um Cordeiro
Murmuravam madrigaes!

Ei-la! Como radiante
Canta alegre e jovial!
Como se envolve o semblante
Num affecto cordial!
Minha lyra mais um hymno,
Sob este céu crystallino
Derramae algumas flôres!
Dae-lhe, ó damas, um sorriso,
Porque n'alma lhe diviso
O mais puro dos amores!

O' minha Patria, se um dia
Um alento te faltar,
Se de novo a tyrannia
Por vergonha te algemar...
Crê no ardor da Mocidade,
Que o teu sol da Liberdade
Ha-de raiar outra vez!
E esse atroz bando damninho
Jámais ha-de fazer ninho
Em terreno portuguez!

Vós, que sois ramos viçosos,
Que em mui breve hão-de florir
Nesses massiços formosos
Das florestas do porvir,
Vós, que em rasgos d'alegria
Vindes honrar neste dia
A meiga filha do Liz
—Em seu nome vos saúdo
E ainda acima de tudo
Ergo—um viva ao meu Paiz!

Por comissão especial da academia leiriense, vieram ao camarote dos professores do liceu de Aveiro, pouco antes de começar o espectáculo, entregar exemplares desta composição poetica, impressa em papel especial, tendo para eles, mais uma vez, palavras muito amaveis.

* * *

Além dessa, foi tambem profusamente distribuida depois de recitada pelo aluno da 5.^a classe, snr. Justino d'Oliveira Simões mais esta—*Recordação da Academia Aveirense—Saudação a Leiria:*

Salvè! ó povo nobre e hospitaleiro,
Da vetusta cidade de Leiria.
Vem vê-te a juventude de Aveiro,
Salvè! ó povo, salvè academia!

Formosas damas, que o Liz namora,
Em murmurios de suave e puro amôr.
Nós vos saudamos com o mesmo ardôr
Da ave que saúda a luz da aurora.

Sobre as margens do rio, vosso amante,
Ao pallido luzr, entre arvoredos,
Queremos aprender esses segredos
Que só vos falam dum amôr constante.

Salvè ! salvè ! bellissima cidade,
Com quem benigna foi a natureza,
Oh ! dá-nos teus sorrisos de bondade,
Teu mais caro penhor, tua nobreza.

Salvè ! salvè ! bellissima cidade,
Arca Santa das nossas tradições,
Oh ! dá-nos teus sorrisos, a amizade,
O mais caro penhor dos corações.

Leiria, 3—VI—911.

A Academia Aveirense.

* * *

Os alunos excursionistas, em numero de 62, iam divididos em grupos, sendo cometida a direcção de cada grupo a um professor.

Assim, ao sr. dr. Alvaro de Moura, pertenciam os seguintes: Justino Simões, Carlos Coelho, Fragoso d'Almeida, Cristiano Cardote, Amadeu Estimado, Eduardo Almeida Lima, Carlos Vilas Boas, Duarte Vidal, Henrique Bravo, Alfredo Mota, Tavadedas Silva, Agostinho Ribeiro e Jaime Rebelo.

Ao sr. dr. Ataide: A. da Silva Paula, Pimentel Calisto, Virgilio d'Almeida, Carlos Canelhas, Marques da Cunha, Alfredo Brito, Gomes Madail, Oliveira Pinto, Rodrigues Tavares, Azevedo Reis, Ernesto Cardote, Henriques Pereira e Nunes Antão.

Ao sr. padre Vieira: Jacinto Reboxo, Porfirio Valente, Carlos Costa, Pinto Veiga, Alexandre Amaral, Batista Ramos, Ferreira de Matos, Pereira Lemos, M. J. dos Santos, Marques do Couto, Abel Condeço e Fernando Salgado.

Ao sr. Agostinho Souza: Abel da Encarnação, Emanuel Reboxo, José Melo, Simões Freire, Pompeu Cardoso, Valente da Fonseca, Joaquim A. Vieira, Joaquim Vicente, Gonçalo Vieira, Bento Bismark e Henrique Peres.

Ao snr. tenente Simões: Evangelista de Moraes, Ribeiro de Almeida, Ferreira dos Santos, Rodrigues Braga, Santos Pato, Pinho Rosa, Fernandes Duarte, Otilio Rodrigues, Brandão de Campos, Jacinto Rodrigues, José A. dos Santos, Wenceslau Pinto e Orlando Peixinho.

Tomaram tambem parte na excursão, os snrs.: Eduardo Miranda, regente do orfeon; Padre Estevão e Aurelio Costa, ensaiadores e auxiliares; Abel Costa, ensaiador do grupo cénico; e Julio da Silva, caracterizador.

Associaram-se á excursão, mais, a esposa do snr. tenente Simões, e o sr. Martins de Pinho e esposa, tios do estudante Pinho Rosa.

* * *

Foi, sem contestação, uma excursão bem preparada e bem executada e fundamentalmente educativa

e instrutiva, sendo interessante saber-se, para incentivo a outras, que se deslocou tanta gente, para tam longe e por tanto tempo, com a insignificante despêsa total de 461\$670 réis, dos quaes 148\$625 réis foram abonados pelo subsidio liceal, sendo o restante abonado pela Caixa Escolar e pela cotisação dos excursionistas.

E cabe aqui expressar o meu reconhecimento a todos que concorrêram para tam util cometimento, não pôdendo deixar de especialisar o professor snr. Oliveira Simões, que foi um activo e dedicado organisador a quem, sem lisonja, se pôde chamar a alma da excursão, e os snrs. Eduardo Miranda, organisador e regente do orfeon, e Aurelio Costa e P.^o Encarnação, seus colaboradores; e o snr. Abel Costa, ensaiador do grupo dramatico, os quaes, com um zelo e desinteresse dignos dos maiores elogios, sacrificando durante longos mezes as suas horas de descanso, contribuíram poderosamente para o bom exito da parte artistica.

Terminando este ligeiro e imperfeito trabalho a que os multiplos deveres do meu cargo não consentiram que dêsse maior desenvolvimento e perfeição, devo deixar consignado de maneira ostensiva que á cooperação unanime e leal do pessoal docente deste liceu se devem a boa ordem e progresso com que foram executados todos os serviços liceaes no ano lectivo findo. Mais uma vez fica demonstrado que só uma intima e inteira comunhão de ideias e sentimentos pôde, em verdade, fomentar o progresso e assegurar a ordem em institutos desta natureza.



II

Organisação e estatística

(REGIMEN DE 29 DE AGOSTO DE 1905)

PESSOAL

REITOR

Alvaro de Moura C. d'Almeida d'Eça. ()*

CORPO DOCENTE

Proprietarios

Elias Fernandes Pereira, com o curso da Escola Medica do Porto.

Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

José Rodrigues Soares, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Padre Manuel Rodrigues Vieira.

Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa.

Eduardo Silva, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Alvaro de Ataíde Ramos e Oliveira, com o curso da Escola Medica de Lisboa.

INTERINOS

Lourenço Simões Peixinho, com o curso da Escola Medica de Lisboa (5.º grupo).

Joaquim Maria d'Oliveira Simões, tenente do Exercito (7.º grupo).

Agostinho Caetano Silvestre de Sousa (Alemão).

Mario Mourão Gamellas, tenente do Exercito (Gimnastica).

PROFESSOR JUBILADO

João da Maia Romão, com o curso da Real Academia de Belas Artes do Porto.

SECRETARIA

Secretario—*Elias Fernandes Pereira*, professor do Lyceu.

EMPREGADOS MENORES

Porteiro—*José do Nascimento Correia.*

Continuo—*Fernando de Sousa Maia.*

(*) Serve de reitor, por eleição do Conselho Escolar, de 19 de outubro de 1910, em substituição do antigo, Francisco Augusto da Fonseca Regala, que foi exonerado, por virtude do decreto de 17 daquelle mês e ano.

*Disciplinas que constituem o curso geral dos liceus
(1.^a e 2.^a secções), sua distribuição pelas classes e horas de lição
destinadas, por semana e por classe,
a cada disciplina*

QUADRO I

CURSO GERAL—1.^a SECÇÃO

Disciplinas	1. ^a classe	2. ^a classe	3. ^a classe	Total
Português	5	4	3	12
Francês	4	3	3	10
Inglês ou alemão	—	4	4	8
Geografia e Historia	3	3	2	8
Sciencias fisicas e naturaes	3	2	4	9
Matematica	5	4	4	13
Desenho	3	3	3	9
	23	23	23	69
Educação fisica	3	3	3	9
	26	26	26	78

QUADRO II

CURSO GERAL—2.^a SECÇÃO

Disciplinas	4. ^a classe	5. ^a classe	Total
Português	3	3	6
Latim	3	3	6
Francês	2	2	4
Inglês ou alemão	3	3	6
Geografia e Historia	2	2	4
Sciencias fisicas e naturaes	4	4	8
Matematica	3	3	6
Desenho	3	3	6
	23	23	46
Educação fisica	3	3	6
	26	26	52

Organisação das classes

Organisatio dei. 1787.

Horario e distribuição do serviço da 1.ª turma da 1.ª classe

Diretor—Manuel Rodrigues Vieira

Disciplinas	DIAS DA SEMANA						Hora das lições	Professores que regêram
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado		
Português	»		»			»	9 — 9,55	Alvaro de Moura
»			»				10,5 — 11	»
»					»		12,30 — 1,25	»
Francês						»	9 — 9,55	Rodrigues Soares
»						»	10,5 — 11	»
»		»					11,15 — 12,10	»
»	»	»					12,30 — 1,25	»
Geografia e Historia		»					9 — 9,55	Alvaro de Moura
»		»					10,5 — 11	»
»			»				11,15 — 12,10	Alvaro d'Ataide
Sciencias naturaes	»		»				12,30 — 1,25	»
»			»				9 — 9,55	Oliveira Simões
Matemática	»		»				11,15 — 12,10	»
»			»				12,30 — 1,25	»
»		»					1,50 — 3,20	Rodrigues Vieira
Desenho	»						10 — 11,30	»
»				»				

Relação nominal dos alunos da 1.ª turma da 1.ª classe

Numeros	Nomes	NATURALIDADE		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Acacio Homem de Figueiredo	Leiria		12
2	Armando Madail Ferreira	Aveiro		11
3	» Marques Pecegueiro	Aveiro		11
4	Francisco Antonio de Abreu	Ilhavo		13
5	» Pereira Ramalheira	Ilhavo		13
6	» Rodrigues Matias	Aveiro		13
7	Guilherme Lopes	Ovar		12
8	Henrique Ernesto Ferrão	Loanda		11
9	Hernani Guerra de Aguiar	Agueda		11
10	João Carlos Celestino P. Gomes	Ilhavo		11
11	» da Graça Namorado	Ilhavo		14
12	» Marques Ramalheira	Ilhavo		12
13	» Moreira da Silva	Albergaria-a-Velha		13
14	» de Oliveira da Velha	Ilhavo		15
15	» Paes de Almeida e Silva	Vagos		11
16	» Pereira Ramalheira	Ilhavo		12
17	Joaquim Antonio Vieira	Aveiro		16
18	» Pereira Lemos Junior	Alquerubim	Albg. ^a -a-Velha	18
19	» Tavares de Oliveira Moraes	Albergaria-	a-Velha	12
20	José Gonçalves Cruz Junior	Soure		12
21	» Maria Domingues Cravo	Mira		15
22	» Paes de Almeida e Silva	Vagos		12
23	Lutario Casimiro F. da Silva	Aveiro		11
24	Manuel A. Henriques P. Junior	Aveiro		11
25	» Bernardino de C. Santos	Ovar		12
26	» José Patricio	Murtoza	Estarreja	14
27	» de Lima Freire	Albergaria-	a-Velha	12
28	» de Oliveira Moraes	Albergaria-	a-Velha	14
29	» dos Reis	Aveiro		10
30	Miguel Angelo Caracol Meireles	Aveiro		12
31	» Maria da S. Portugal Junior	Veiros	Estarreja	13
32	Viriato da Silva Freire	Murtoza	Estarreja	13

Resultado da frequencia

Matriculados pela primeira vez	31	
Transferido de outro liceu	1	32
Transitaram para a 2.ª classe	22	
Não transitaram :		
Por insuficiencia de media final	8	
Por faltas de presença	1	
Por não haver encerrado matricula (apezar de admitido)	1	32

Horario e distribuição do serviço da 2.^a turma da 1.^a classe

Director—*Eduardo Silva*

Disciplinas	DIAS DA SEMANA						Hora das lições	Professores que regêram
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexa	Sabado		
Português	»	»	»	»	»	»	10,5 — 11	Eduardo Silva
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	»
»	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Francês	»	»	»	»	»	»	9 — 9,55	»
Geografia e Historia	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	Agostinho de Sousa
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 1,10	»
Sciencias naturaes	»	»	»	»	»	»	9 — 9,55	Elias Pereira
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	»
»	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Matemática	»	»	»	»	»	»	10,5 — 11	Lourenço Peixinho
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	»
»	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Desenho	»	»	»	»	»	»	1,50 — 3,20	»
»	»	»	»	»	»	»	10 — 11,30	»

Relação nominal dos alunos da 2.^a turma da 1.^a classe

Numeros	Nomes	NATURALIDADE		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Abilio Armando R. de Figueiredo	Vilar. do Bairro	Anadia	10
2	Acrisio de Almeida Razoilo	Ilha vo		14
3	Adriano da Silva	São M. do Bispo	Coimbra	12
4	Albano Pinto da Cunha Ferreira	Arouca		13
5	Alberto A. de Figueiredo Vidal	Salreu	Estarreja	11
6	Alvaro Vitorino da Ponte e Sousa	Lisbôa		13
7	Amadeu dos Santos Bôdas	Ilha vo		10
8	Amandio Pereira de Figueiredo	Oliveira	de Azeméis	12
9	Antonio Amaro Lemos	Aveiro		11
10	» Augusto de Brito	Aguada de Baixo	Agueda	12
11	» de Carvalho R. Pereira	Soure		10
12	» Gomes da Costa	Recardães	Agueda	13
13	» Maria Rebelo dos Santos	Murtoza	Estarreja	11
14	» de Seabra Ferreira Coelho	Sangalhos	Anadia	14
15	» Soares Pinheiro e Silva	Codal	Cambra	14
16	Armando Ferreira Martins	Rio de Janeiro		11
17	» Pinto Machado	Ilha vo		14
18	Augusta de Figueiredo	Vagos		17
19	Carminda Chaves Maia	Aradas	Aveiro	10
20	Carolina de Pinho Guedes Pinto	Aveiro		12
21	Emilio de Almeida Azevedo	Aveiro		11
22	Fernando Manuel Homem Cristo	Vizeu		10
23	Jaime Ribeiro Sucena	Agueda		12
24	Joaquim Ribeiro M. de Carvalho	Vilar	Tondela	10
25	José Estrela Brandão de Campos	Aveiro		11
26	» Vicente Ferreira	Aveiro		11
27	Manes Nogueira Junior	Aveiro		10
28	Manuel Amaro Lemos	Manáus		12
29	» Maria Rodrigues Valente	Aveiro		11
30	» Frmino Regala de Vilhena	Aveiro		10
31	Maria dos Anjos Praia	Ilha vo		13

Resultado da frequencia

Matriculados :			
Pela primeira vez	29		
Repetente	1		
Transferido de outro liceu	1	31	
Transitaram para a 2. ^a classe	26		
Não transitaram :			
Por insuficiencia de media final.	1		
Por faltas de presença	2		
Por transferencia para outros liceus	2	31	

Horario e distribuição do serviço da 1.^a turma da 2.^a classe

Diretor—*Alexandre Ferreira da Cunha e Souza*

Disciplinas	DIAS DA SEMANA						Hora das lições	Professores que regêram
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado		
Português	"	"	"	"	"	"	10,5 — 11	Rodrigues Vieira
"	"	"	"	"	"	"	11,15 — 12,10	"
"	"	"	"	"	"	"	12,30 — 1,25	"
Francês	"	"	"	"	"	"	9 — 9,55	Alexandre da Cunha
"	"	"	"	"	"	"	10,5 — 11	"
"	"	"	"	"	"	"	9 — 9,55	"
Inglês	"	"	"	"	"	"	"	Agostinho de Sousa
Alemão	"	"	"	"	"	"	"	Rodrigues Vieira
Geografia e Historia	"	"	"	"	"	"	12,30 — 1,25	"
"	"	"	"	"	"	"	11,15 — 12,10	"
Sciencias naturaes	"	"	"	"	"	"	12,30 — 1,25	Elias Pereira
"	"	"	"	"	"	"	11,15 — 12,10	"
Matemática	"	"	"	"	"	"	10,5 — 11	"
"	"	"	"	"	"	"	11,15 — 12,10	"
Desenho	"	"	"	"	"	"	1,50 — 3,20	Lourenço Peixinho

Relação nominal dos alunos da 1.^a turma da 2.^a classe

Numeros	Nomes	NATURALIDADE		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Adelia Dantas Cerqueira	Ponte	do Lima	13
2	Agostinho A. de Sousa Ribeiro	Beduido	Estarreja	14
3	» Romão Pinheiro e Silva	Avei	ro	12
4	Alberto Nunes Rafeiro	Aradas	Aveiro	11
5	Alda Figueiredo Picanço	S. Joaninho	S. Combado	12
6	Antero da Cunha Machado	Avei	ro	11
7	Antonio Barbosa	P. de R. Mindos	Castelo Branco	19
8	» Chaves Maia	Ivi	tuia	12
9	» Maria de Rezende	Ague	da	15
10	» Nunes Paulo	Oliveirinha	Aveiro	16
11	» de Quadros Côrte-Real	Salreu	Estarreja	16
12	Argemiro L. R. de Q. Marques Vilar	Ilha	vo	16
13	Augusto Henrique Maia Medina	Por	to	11
14	Evaristo Fernandes Mascarenhas	Eixo	Aveiro	12
15	Fernando de Vilhena Ferreira	Avei	ro	19
16	Francisco de Quadros Côrte-Real	Salreu	Estarreja	14
17	Gervasio Pinho das Neves	Avei	ro	13
18	Jacinto Maria Rodrigues	Pr	aia	17
19	José de Moraes Sarmento	Avei	ro	13
20	» Martins Salgado	Por	to	13
21	Luiz José Martins	Esgueira	Aveiro	14
22	» Vieira dos Santos	Avei	ro	11
23	Manuel Dias de Carvalho	Eixo	Aveiro	13
24	» Ferreira Martins	Talhadas	Sever do Vouga	15
25	» José Domingues Peres	Por	to	13
26	» Maria dos S. Freire Junior	Avei	ro	13
27	Mario Ferreira da Costa	Sangalhos	Anadia	14
28	» Henriques Pereira	S. L. do Bairro	Anadia	16
29	Miguel M. Ribeiro Santiago	Gatões	Mont.-o-Velho	13
30	Natalia Dantas Cerqueira	Ponte	do Lima	13
31	Pedro Bernardo Camêlo	Avei	ro	13

Resultado da frequencia

Matriculados :			
Pela primeira vez	27		
Repetentes	2		
Transferidos de outros liceus	2	31	
Transitaram á 3. ^a classe	20		
Não transitaram :			
Por insuficiencia de media final.	7		
Por faltas de presença	3		
Transferido para outro liceu	1	31	

Horario e distribuição do serviço da 2.^a turma da 2.^a classe

Director—Alvaro de Ataíde Ramos e Oliveira

Disciplinas	DIAS DA SEMANA						Hora das lições	Professores que regêram
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado		
Português		»	»	»	»	»	9 — 9,55	Rodrigues Vieira
»		»	»	»	»	»	10,5 — 11	»
Francês		»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	Alexandre da Cunha
»		»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Inglês	»	»	»	»	»	»	10,5 — 11	»
»	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Geografia e Historia	»	»	»	»	»	»	10,5 — 11	Agostinho de Sousa
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	»
Sciencias naturaes					»		9 — 9,55	Lourenço Peixinho
Matemática					»		10,5 — 11	Alvaro de Ataíde
»					»		11,15 — 12,10	»
»					»		12,30 — 1,25	»
Desenho					»		1,50 — 3,20	Lourenço Peixinho

Relação nominal dos alunos da 2.^a turma da 2.^a classe

Numeros	Nomes	NATURALIDADE		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Agnelo de Figueiredo Veloso	Ague da	Lisbôa	12
2	Agostinho Antonio Leite	R. de Frágoas	Albg. ^a -a-Velha	12
3	Antonio João da Cunha	Esgueira	Aveiro	13
4	« Rodrigues de Almeida	Aveiro		11
5	Arnaldo Tavares de Carvalho	Aveiro		11
6	Augusto Marques da Cunha	Bôlho	Cantanhede	17
7	Calisto Martins Batista	Aveiro		12
8	Carlos Tavares de Oliveira Moraes	Aveiro		13
9	Duarte Vaz Pinto Corrêa da Rocha	Mealhada		13
10	Edmundo Alberto Pinheiro Chaves	Alcobaça		13
11	Firmo Gambino da Costa Gomes	Aveiro		11
12	Francisco de Assis Ferreira da Maia	Aveiro		11
13	» Ravara Ventura	Trofa	Agueda	11
14	José Bernardino Duarte	Ilhavo		11
15	» da Conceição Rocha	A. de Caminho	Anadia	15
16	« Martins	Aveiro		12
17	» Mendes da Rocha Zagalo	Ilhavo		11
18	» Nunes da Fonseca Junior	Aveiro		17
19	» Pinto da Costa Monteiro	Mira		14
20	» Rodrigues Cosme	Estarreja		12
21	» Salvador Pires de Rezende	Aveiro		11
22	Julio Jorge Teixeira	Salreu	Estarreja	13
23	» Marques Ferreira Vidal	Murtoza	Estarreja	16
24	Leonel Barbosa	Aveiro		17
25	Lourenço Fernandes Duarte	Esgueira	Aveiro	15
26	Luiz Augusto Henriques Pinheiro	Aveiro		16
27	Manuel Estudante	Ilhavo		12
28	Samuel Gomes Maia	Aveiro		13
29	Sisnando Monteiro Maia			

Resultado da frequencia

Matriculados pela primeira vez	25	
Repetentes	4	29
Transitaram para a 3. ^a classe	28	
Não transitou por faltas de presença	1	29

Horario e distribuição do serviço da 3.^a classe

Director—*José Rodrigues Soares*

Disciplinas	DIAS DA SEMANA						Hora das lições	Professores que regêram
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado		
Português	»	»	»	»	»	»	10,5 — 11	Eduardo Silva
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	»
Francês	»	»	»	»	»	»	10,5 — 11	Rodrigues Soares
»	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Inglês	»	»	»	»	»	»	9 — 9,55	»
»	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Alemão	»	»	»	»	»	»	9 — 9,55	Agostinho de Sousa
»	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,25	»
Geografia e Historia	»	»	»	»	»	»	10,5 — 11	Rodrigues Vieira
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	»
Sciencias naturaes	»	»	»	»	»	»	12,30 — 1,15	Alvaro de Ataide
»	»	»	»	»	»	»	11,15 — 12,10	»
Matematica	»	»	»	»	»	»	9 — 9,55	Elias Pereira
Desenho	»	»	»	»	»	»	1,50 — 3,20	Oliveira Simões
»	»	»	»	»	»	»	10,15 — 11,45	»

Relação nominal dos alunos da 3.ª classe

Numeros	Nomes	NATURALIDADE		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Abel Alves Abrantes	Rio de Janeiro		15
2	Abilio Simões Souto Ratola	Aveiro		15
3	Adelina de Ataíde R. e Oliveira	Lisbôa		16
4	Alexandre Martins Salgado	Porto		12
5	Alfredo Orlando Ferreira da Mota	Aveiro		15
6	Alvaro Rodrigues Abrantes Melo	Rio de Janeiro		14
7	Americo Moraes Pires Barreto	Mira		16
8	Antonio Lopes Rodrigues	Válega	Ovar	13
9	» Marques de O. Castilho	Agueda		15
10	» da Rosa Martins Junior	Horta		15
11	Bernardo de Almeida Azevedo	Aveiro		15
12	Carlos Rodrigues Braz	Destriz	O. de Frades	15
13	Clara Meireles	Aveiro		16
14	Custodio Augusto C. de Bastos	Valongo	Agueda	15
15	Elisa Figueira	Lisbôa		13
16	Eusebio Caldeira Pinto Rebocho	Vila Velha	de Rodan	13
17	Gualterio de Sousa Martins	Horta		14
18	Jaime José Rodrigues Braga	Válega	Ovar	16
19	João Ferreira de Macedo	Cacia	Aveiro	12
20	Joaquim Vicente Duarte das Neves	Anadia		18
21	Jorge Simões das Neves Aguiar	Evoira		13
22	José Azevedo dos Reis	Aveiro		13
23	» de Oliveira Barreto	Sôza	Vagos	12
24	Laurindo Pereira	Lisbôa		14
25	Lisete Figueira	Lisbôa		14
26	Manuel Bismark Bento Soares	Angeja	Alberg.-a-Velha	15
27	» Dias	Azenha Nova	F. do Zézere	13
28	» Firmino de A. Maia Ferreira	Aveiro		25
29	» Maria Pimentel Calisto	Mira		14
30	» Marques da Silva	Branca	Alberg.-a-Velha	15
31	Mario de Campos Cêa	Lisbôa		14
32	Pedro Lopes de Figueiredo	Aveiro		17
33	Pompeu de Melo Cardoso	Aveiro		15
34	Porfirio Marques da Silva Valente	Cucujães	O. de Azemeis	20
35	Raul Ferreira de Matos	Aveiro		17
36	Serafim Gabriel Soares da Graça	Agueda		13
37	Rosa da Anunciação N. Bonifacio	Eixo	Aveiro	20
38	Zulmira de Figueiredo Picanço Leão	S. Joaninho	St.ª Combadão	14

Resultado da frequencia

Matriculados pela primeira vez	28	
Repetentes	6	
Transferidos de outros liceus	4	38
Habilitados ao exame da 1.ª secção	27	
Não habilitados :		
Por insuficiencia de media final	4	
Por faltas de presença	4	
Por pena disciplinar	1	
Transferidos para outros liceus	2	38

Horario e distribuição do serviço da 4.ª classe

Diretor—*Elias Fernandes Pereira*

Disciplinas	DIAS DA SEMANA						Hora das lições	Professores que regêram
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado		
Português		"	"			"	11,15—12,10	Alvaro de Moura
Francês		"				"	9 — 9,55	Rodrigues Soares
"							10,5 — 11	"
Inglês			"				9 — 9,55	"
"					"		11,15—12,10	"
Latim	"						9 — 9,55	Eduardo Silva
"	"		"				10,5 — 11	"
"						"	12,30— 1,25	"
Geografia e Historia					"		9 — 9,55	Rodrigues Vieira
"		"					12,30— 1,25	"
Sciencias naturaes		"					9 — 9,55	Alvaro de Ataide
"	"					"	10,5 — 11	"
Matemática	"		"		"		12,30— 1,25	Elias Pereira
Desenho	"	"			"		1,50— 3,20	Oliveira Simões

Relação nominal dos alunos da 4.^a classe

Numeros	Nomes	NATURALIDADE		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Abel Ferreira da Encarnação Junior	Aveiro		18
2	Alexandre Augusto F. do Amaral	Aguada de Cima	Agueda	14
3	Antonio Augusto de Oliveira Pinto	Salreu	Estarreja	16
4	» Azevedo dos Reis	Aveiro		15
5	» Fragoso de Almeida	Vilar. do Bairro	Anadia	16
6	» Marques da Silva Paula	Valongo	Agueda	18
7	» Simões Freire	Sôza	Vagos	18
8	Armando Ribeiro de Almeida	Mossa	medes	15
9	Arthur Marques da Cunha	Aveiro		17
10	Augusto Eduardo F. dos Santos	São Tomé		15
11	Carlos da Encarnação Costa	Aveiro		15
12	» Vilas Bôas do Vale	Sobrado	de Paiva	16
13	Cristiano Augusto Cardote	Aveiro		15
14	Duarte Rocha Vidal	Vagos		16
15	Eduardo Pinto Veiga	Agueda		15
16	Fernando Martins Salgado	Porto		15
17	Henrique Domingues Pires	Porto		16
18	» Proença Bravo	Trancoso		15
19	Jacinto Leopoldo M. Rebocho	Aveiro		14
20	José de Almeida Azevedo	Aveiro		15
21	» Maria Valente da Fonseca	Válega	Ovar	19
22	Manuel Joaquim dos Santos	R. de Frágoas	Albg. ^a -a-Velha	16
23	Vasco Homem de Figueiredo Junior	Pena	fiel	17

Resultado da frequencia

Matriculados :		
Pela primeira vez	20	
Transferidos de outros liceus	3	23
Transitaram á 5. ^a classe	22	
Transferido para outro liceu	1	23

Horario e distribuição do serviço da 5.^a classe

Director—Alvaro de Moura C. de Almeida de Eça

Disciplinas	DIAS DA SEMANA						Hora das lições	Professores que regêram
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado		
Português		"	"	"	"	"	12,30—1,25	Alvaro de Moura
Francês		"				"	9—9,55	Rodrigues Soares
"						"	11,15—12,10	"
Inglês.						"	10,5—11	A. da Cunha
"	"		"			"	11,15—12,10	"
Latim	"	"				"	"	Eduardo Silva
"	"	"			"	"	12,30—1,25	"
Geografia e Historia		"			"	"	10,5—11	Rodrigues Vieira
"					"	"	11,15—12,10	"
Sciencias naturaes	"				"	"	9—9,55	Alvaro de Ataide
Matematica	"		"	"	"	"	10,5—11	Elias Pereira
Desenho			"	"	"	"	1,50—3,20	Oliveira Simões

Relação nominal dos alunos da 5.^a classe

Numeros	Nomes	NATURALIDADE		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Abel Matias Condeço	Fermentelos	Agueda	14
2	Alfredo Cezar de Brito	Ovar		17
3	Amadeu Ferreira Estimado	São Tomé		15
4	Antonio Dias Leite	Gaya		16
5	» Gomes da Rocha Madail	Ilhavo		15
6	» Pinho Roza	Fróssos	Alberg.-a-Velha	16
7	» Rodrigues Tavares	S. L. do Bairro	Anadia	21
8	Arminda Natalia Catarino da Maia	Aradas	Aveiro	16
9	Carlos Luiz Gonçalves Canelhas	Valença		19
10	» Nogueira Coelho	Lisbôa		15
11	Cosme Pereira Lemos	Alquerubim	Alberg.-a-Velha	19
12	Eduardo de Almeida Silva de Lima	Estarreja		15
13	Emanuel A. Monteiro Rebocho	Aveiro		15
14	Ernesto Augusto Cardote	Aveiro		15
15	Evangelista de Moraes S. Junior	Monchique		16
16	Gonçalo Antonio Vieira	Murtoza	Estarreja	15
17	Jaimé Ferreira da E. Rebelo	Vagos		14
18	João Batista Brandão de Campos	Aveiro		17
19	José Augusto dos Santos	Ilhavo		19
20	» de Melo Junior	Agueda		18
21	» Nunes Antão	Salreu	Estarreja	16
22	Julio Homem de Figueiredo	Porto		16
23	Manuel Batista Ramos	Vagos		15
24	» dos Santos Pato	Mamarrosa	O. do Bairro	21
25	Mario Sarria Marques do Couto	Tomar		16
26	Orlando Eugenio Peixinho	Aveiro		18
27	Otilio dos Prazeres Rodrigues	Aveiro		17
28	Wencesláu de Oliveira Pinto	Bôlho	Cantanhede	18
29	Virgilio de Almeida	Aveiro		15

Resultado da frequencia

Matriculados :	
Pela primeira vez	23
Repetentes	5
Transferido de outro liceu	1 29
Habilitados ao exame da 2. ^a secção	24
Não habilitados :	
Por insuficiencia de media final	1
Por faltas de presença	2
Transferidos para outros liceus	2 29

63
60
38
23
29
213

RESULTADO DA FREQUENCIA

Classes	Matriculados	Trazitaram ou foram admitidos a exame	Eliminados					Transferidos para este liceu	Transferidos de este liceu
			Por faltas	Por falta de media final de frequencia	Por pena disciplinar	Por não encerrar ma- trricula	Total		
Primeira	61	50	3	8			11	2	2
Segunda	58	47	4	7		1	12	2	1
Terceira	34	27	4	4	1		9	4	2
Quarta	20	22(a)						3	1
Quinta	28	24(b)	1	2			3	1	1
Total	201	170	12	22	2	1	35	12	7

(a) A causa da aparente contradição está no facto de o mesmo haver tido duas transferencias, uma para este liceu e outra dêste liceu.

(b) A mesma hipótese em relação a um aluno desta classe.

Estadística do ensino secundario official

RESULTADO DOS EXAMES

Secção do curso geral	Admitidos a exame	Aprovados						Eliminados nas provas oraes	Fizeram a 1.ª secção em 3 anos	Fizeram a 2.ª secção em 2 anos
		com 10 valores	com 11 valores	com 12 valores	com 13 valores	com 14 valores	Total			
Segunda secção	24	12	3	1	1	1	18	6	17	
Primeira secção	26	11	10	5			26			
Total	50	23	13	6	1	1		6	17	

Estadística do ensino secundario, particular e domestico

RESULTADO DOS EXAMES

Qualidade dos exames	Admitidos a exame	APROVADOS					Total	Adiados nas provas oraes	Adiados nas provas escritas
		com 10 valores	com 11 valores	com 12 valores	com 13 valores	com 15 valores			
1.ª secção	3	3		2	1		6	2	
2.ª secção	3		1				2	1	
Singulares de:									
Português	3							2	1
Francês	1						1		
Total	15	4	1	2	1	1	9	5	1

Receita e despesa

RECEITA

ALUNOS INTERNOS

Importancia de propinas de abertura de matricula..	837\$165	
Importancia de propinas de encerramento de matricula	708\$050	1:545\$215

ALUNOS EXTRANHOS

Importancia de propinas de matricula e de exames (julho)	220\$810	
Importancia de propinas de exames (outubro)	18\$620	239\$430
Expediente		650\$000
Total		<u>2:434\$645</u>

DESPEZA

DISTRIBUIÇÃO DA VERBA DO EXPEDIENTE

Secretaria	106\$495	
Limpeza do edificio	139\$135	
Obras no edificio	7\$100	
Biblioteca	3\$700	
Mobilia	55\$500	
Excursões escolares	159\$835	
Gabinete de sciencias fisico-naturaes	81\$445	
Material para o ensino de matematica, desenho e ginnastica	95\$530	648\$740

PESSOAL SERVENTUARIO (REITOR, CORPO DOCENTE E PESSOAL MENOR)

Vencimento de categoria e de exercicio	6:389\$394	
Horas de serviço, a mais das obrigatorias	1:164\$815	
Por serviço de exames em julho	329\$220	
Total	<u>7:883\$429</u>	